

DISCUSSÕES TEMATICAS – UM INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Loyse Madeleine Raboud Mascarenhas de Andrade

Espaço Solidário Centro de Convivência – espsolidario@gmail.com

Resumo

Diante da dificuldade de apreensão do conceito de autonomia voltada para os idosos institucionalizados, a maioria com grandes limitações motoras e/ou cognitivas, Agich traz novas perspectivas de avaliação da autonomia a partir da capacidade de superação ou de resiliência do sujeito, pois afirma que é na tentativa de adaptação à nova realidade do idoso que a autonomia se manifesta. A instituição de longa permanência, o Espaço Solidário, trabalha há mais de 16 anos desenvolvendo uma metodologia chamada de Construção Coletiva, que envolve a equipe, os moradores e todos que frequentam a Instituição numa dinâmica de participação possível no cotidiano. Avaliando um dos instrumentos de promoção da autonomia desenvolvido pela Instituição, as reuniões temáticas, analisamos os diálogos a partir dos quatro eixos capazes, segundo Agich, de fomentar a discussão sobre a autonomia do cuidado do longo prazo: O tempo, o espaço, a comunicação e a afetividade. Observamos que se os idosos reconhecem as próprias limitações e muitas vezes sofrem, pois estas restringem sua percepção do mundo, tornando-o hostil e ameaçador; compartilhar experiências de vida, afeto e opiniões sobre temáticas como a velhice, os direitos do idoso, o conceito de mãe e o sentido da Páscoa, permitiu que se situassem no tempo, que revisitassem o seu passado dando novos significados ao presente e construiu uma identidade individual e coletiva reconhecendo capacidades de adaptação diante das adversidades e estabelecendo espaços de comunicação e acolhimento.

Palavras chave: idosos institucionalizados, reuniões de discussão, autonomia, resiliência.

Introdução

O Espaço Solidário (ES) é uma Instituição de Longa Permanência de Idosos situada num dos bairros mais vulneráveis da cidade do Natal. Ao longo dos seus 16 anos de existência, o ES tem sido desafiado a gerar uma dinâmica capaz de criar instrumentos de promoção de autonomia possível ou residual para os idosos da Instituição. O presente artigo objetiva se debruçar sobre um dos instrumentos utilizados pela casa, as reuniões semanais, mais particularmente as discussões e reflexões temáticas que a compõem, avaliando o seu impacto sobre o processo de autonomia do idoso, focando mais especificamente a questão da autonomia na velhice voltada para o “cuidado de longo prazo”, conceito construído por Agich no seu livro “Dependência e Autonomia na Velhice - Um modelo ético para o cuidado de longo prazo”, publicado pela editora Loyola em 2008.

Situado no bairro de Mãe Luiza, o Espaço Solidário é uma Instituição filantrópica pertencente ao Centro Sócio Pastoral Nossa Senhora da Conceição que tem presença no bairro há mais de trinta anos. Trata-se tanto de uma Instituição de longa Permanência, contando com 24 moradores, como um Centro Dia com 25 idosos frequentando a casa diariamente de segunda a sexta feira. Os idosos moradores e diaristas tem um perfil de situação de risco social, com dificuldades motoras e/ou cognitivas, muitos com vínculos familiares e sociais fragilizados.

Diante da realidade de dificuldade acentuada pela perda da autonomia, o Espaço Solidário ao longo dos anos desenvolveu uma metodologia de trabalho chamada de Construção Coletiva, que envolve idosos e membros da equipe numa dinâmica de participação objetiva e subjetiva no cotidiano de vida da casa, construindo as rotinas e a convivência num processo coletivo.

O foco é criar uma dinâmica que possa potencializar a autonomia do idoso: a instituição não tem horário de visita nem limitação de espaço, e estimula os idosos a participarem de todas as atividades de rotina da casa: escolhe com eles o destino do passeio semanal, o cardápio das festas, as atividades extraordinárias, as mensagens a serem transmitidas à comunidade nas festas temáticas, etc. Tudo se discute e se decide na reunião semanal, razão pela qual pretendemos avaliar suas dimensões e impacto no fortalecimento da autonomia dos idosos, focando nas atividades de discussão e reflexão temática.

Durante as reuniões semanais ocorrem atividades variadas cuja ordem e aparição se altera de acordo com as necessidades e temas de discussão emergentes. Costumam manter-se o momento inicial de alongamento em cadeira, visando ampliar o movimento e despertar para uma participação mais ativa, e o encerramento com uma oração. Idosos moradores e diaristas se fazem presentes nas reuniões semanais, independente de suas limitações ou dificuldades.

Dentre as atividades que podem compor as reuniões semanais, estão: a avaliação do cotidiano, que estimula a memória e ajuda a situar o idoso no tempo, fortalecendo sua identidade; As tomadas de decisões relativas a eventos futuros; A socialização da história de vida de um idoso recém-acolhido (com sua autorização), objetivando partilha e inclusão; A leitura de cordel; A despedida, quando um idoso vem a falecer, refletindo sobre sua personalidade e legado, agradecendo à oportunidade de convivência; E, por fim, a discussão e reflexão temática, acompanhando o calendário (dia dos pais, das mães, do idoso, as festas religiosas e outros) objetivando reconstruir significados e compartilhar os resultados através da construção de textos coletivos.

Marco teórico

Dentro do conceito de autonomia estão dois outros conceitos presentes em todo ciclo da vida: a dependência e a independência. A independência seria, segundo Neri (2005), a expressão máxima da capacidade funcional. Representa a capacidade de se autogerir nas atividades instrumentais da vida diária. A dependência, por sua vez, refere-se à incapacidade de funcionar sem a ajuda de terceiros devido a limitações funcionais, cognitivas ou ambas.

Segundo Agich (2008), o ser humano na sua condição ou situação de vida, nunca é totalmente dependente ou independente. Por estar sempre em construção, ele passa pelas diferentes fases da vida devendo se adaptar permanentemente a desafios de várias ordens. Na sua condição de “não acabado” ele estaria sempre em situação de “dependência”. O problema de acordo com o autor, não seria tanto a questão da dependência, mas dos significados que o ser humano no seu contexto social atribui à experiência da dependência.

As definições de autonomia transmitem sempre a capacidade ou possibilidade de escolha. Paulo Freire (1996) comenta que o respeito à autonomia e à dignidade de cada cidadão representa um imperativo ético e não um favor que podemos conceder ou não uns aos outros. Junto com os avanços da idade, crescem as possibilidades de limitações na vida ativa do idoso. Faz-se necessário um esforço de adaptação à nova realidade, um rearranjo na percepção das capacidades e possibilidades. Além das necessidades de adaptação a serem feitas ao longo da chegada da velhice, a institucionalização do idoso acrescenta o desafio de manter e continuar (re) construindo uma identidade que possa ampará-lo e norteá-lo.

Diante da complexidade do conceito de autonomia compreendido dentro de um ideal cultural de valorização exacerbada da independência e da produtividade, a autonomia no cuidado de longo prazo se percebe como problema. O respeito à autonomia focado na não interferência, ou na

liberdade em tomar decisões, não contempla o idoso em situação de fragilidade funcional, cognitiva ou social, da mesma forma que o excesso de proteção não permite seu desenvolvimento. No contexto do idoso institucionalizado os aspectos a serem analisados no que diz respeito à autonomia envolvem, segundo Agich (2008) a ética dos relacionamentos. O enfrentamento e superação das dificuldades inscrevem-se em uma compreensão de resiliência enquanto processo dinâmico, envolvendo a adaptação positiva em contextos de grande adversidade, compreendida igualmente como processo de caráter coletivo (Infante, 2005).

As interações contínuas decorrentes da necessidade de cuidados geram proximidade e intimidade. É na ética desses relacionamentos que poderá se confirmar ou não o respeito à autonomia do idoso institucionalizado. Focando as características da autonomia, Agich (2008) explora quatro dimensões que, segundo ele, serão capazes de fomentar a discussão sobre a autonomia do cuidado de longo prazo: o tempo, o espaço, a comunicação e a afetividade.

O tempo – O aspecto temporal na vida do ser humano representa uma dimensão subjetiva onde as identidades se constroem historicamente. Ele é fundamental para o idoso, pois o orienta na realidade do cotidiano e o coloca *na única dimensão que assegura a continuidade social*. Envelhecer subentende atravessar o tempo, Monteiro (2005).

Agich (2008) afirma que estamos sempre em interação dinâmica com o nosso passado presente e futuro. O passado ao ser reinterpretado em várias fases da vida interage continuamente com o presente. Ele precisa ser trabalhado (relembrado) para que possa dar significado ao presente. Para o autor, é na experiência do passado que forjamos nossas habilidades e recursos para nos adaptar e enfrentar novos desafios. O domínio das lembranças reconstruídas fortalece o idoso como sujeito de sua própria história e confirma o seu papel de transmissor de um legado. Pior do que perder a oportunidade de escolha é perder o domínio sobre sua trajetória de vida, pois a vida deixa de ter significado.

Considerando as limitações motoras e cognitivas e a frágil perspectiva de futuro do cuidado de longo prazo, o desafio se encontra na construção da percepção do eu diante da incapacidade e da morte para que a experiência efetiva do cotidiano possa se “acomodar” ao caráter finito da existência humana.

A comunicação – Os padrões comunicativos no cuidado de longo prazo são essenciais, pois passam pelo processo em que informações são trocadas entre um emissor e um receptor. Segundo Thiebaud (2008), a percepção do eu se verifica na comunicação dinâmica. É na comunicação que a

identificação da pessoa se confirma ou se nega. A distorção comunicativa no caso do idoso isola-o da participação em um mundo compartilhado e leva-o à confusão e à desorientação.

Os diferentes padrões de comunicação podem frustrar ou promover as expressões de autonomia. As mensagens na comunicação com o idoso podem passar tanto instruções para atitudes passivas e desmobilizadoras, como para atitudes ativas e participativas. No conteúdo da linguagem usada com o idoso dependente é possível avaliar se a comunicação sustenta e promove a percepção de bem estar do idoso ou se desconsidera sua identidade reforçando posturas negativas, frustrando a autonomia efetiva.

O espaço – Enquanto experiência humana, o espaço se configura como possibilidade de movimento, o corpo funcionando como referência espacial, pois ele é quem otimiza sua adaptação ao meio, Monteiro (2003). A deficiência do corpo restringe a percepção do mundo e provoca medo de expandir as experiências. A restrição da mobilidade cria limitações que vão além do acesso físico. Pode-se dizer que o idoso dependente experimenta uma distorção nas relações espaciais. Essa redução de possibilidade de movimento, segundo Agich (2008), restringe a percepção subjetiva de seu lugar no mundo. O espaço antes aberto e convidativo à atividade passa a ser um espaço onde se recebe cuidados, espaço mais fechado que tende à inércia. Dentro do mundo restrito há poucas possibilidades de experimentação. Sem a experiência, não há alimentação dos sentidos.

Idosos acamados ou em cadeira de rodas sofrem de alteração de orientação espacial. As relações com os outros deixam de ocorrer no plano horizontal e podem confirmar a percepção do idoso da sua própria dependência, contribuindo para um mal estar. Essas novas realidades vivenciadas criam um novo tipo de experiência espacial, e é na tentativa de adaptação do sujeito que a autonomia se manifesta.

A afetividade – É no afeto que as pessoas se desenvolvem e mudam. Os vínculos construídos no tempo contribuem para a afirmação da autonomia quando as afeições positivas moldam as ligações entre as pessoas. A afetividade tem a ver com compromisso que no contexto familiar é construído na continuidade do tempo. Taramarcaz (2005) associa a afetividade ao conceito de solidariedade, pois segundo ele, a solidariedade seria fundamentada na afetividade, no se sentir próximo do outro, na proximidade como decorrente de um desejo de ajuda mútua. A solidariedade afetiva teria grande importância na autoestima do ser humano.

A vida na perspectiva da afetividade, não é linear, histórica ou cronológica; ela seria o conjunto de instantes relevantes, que preencheram a vida de sentido, momentos fortes afetivamente

que deixaram marcas, Villeneuve (1998). Quando falta afeto, a relação consigo e com os outros é prejudicada, a afetividade fornece a liga que une os vários episódios e pedaços da vida em um todo coerente, Agich (2008). A afetividade positiva contribui para aumentar a percepção de autonomia na situação do idoso dependente.

Por fim, entende-se que a autonomia não pode ser apreendida exclusivamente no paradigma da escolha ou tomada de decisões, ela envolve, segundo Agich (2008), a maneira como os idosos interagem na sua vida cotidiana e é nas frestas e nos interstícios da experiência cotidiana que poderá se descortinar a autonomia possível.

As discussões temáticas coletivas estão ancoradas num fazer institucional que encoraja, favorece e constrói, em todas as atividades da vida diária, o fortalecimento da percepção de si, o aumento da autonomia, mesmo que residual, a afirmação da identidade e o fortalecimento dos laços entre o idoso morador, diarista e toda a equipe envolvida. O objetivo é a ampliação da percepção do idoso como sujeito.

O estudo sobre a temática da autonomia como conceito ético voltado para os idosos da Instituição em questão deve dar pistas sobre o potencial das ações e reflexões cotidianas na ampliação dos espaços, reconstrução do tempo de memória, afirmação de uma comunicação dinâmica e fortalecimento dos vínculos afetivos.

Metodologia

Para avaliar a influência das atividades de discussão e reflexão temática em relação à autonomia dos idosos e suas dimensões dentro do contexto das reuniões semanais, foram escolhidos os registros correspondentes a estes momentos.

A análise do texto foi realizada à luz das quatro dimensões mencionadas por Agich: o tempo, a comunicação, o espaço e a afetividade. Identificando registros de observações e falas de idosos relacionadas a uma ou mais dessas dimensões, representando elaborações que tem potencial para contribuir na construção da autonomia.

O período de análise selecionado foi de julho de 2015 a julho de 2016. Das 34 reuniões ocorridas nesse período, 13 foram analisadas. Estas trouxeram reflexões sobre temas, tais que: a velhice, a páscoa, o dia das mães e o dia do idoso, que serão trazidas na parte de resultados e discussões.

Resultados e discussões

Reunião temática – A velhice: Na ocasião do dia do idoso, trabalhamos a temática da velhice tentando reconstruir um conceito em que as histórias de vida dos idosos pudessem se reencontrar e elaborar no coletivo uma mensagem compartilhada com a comunidade no dia da comemoração.

As limitações e dificuldades relacionadas ao déficit de mobilidade foram colocadas como limitadoras e até ameaçadoras: “Ser velho e não poder mais correr do perigo”, “Velho só pode correr ‘miudim’”. A limitação de movimentos e redução do espaço tem impacto direto na confiança em si e pode interferir na comunicação, como percebemos no comentário da senhora X : “Quando se briga com o marido e não se pode mais revidar?”.

Para o senhor J : “A velhice é querer trabalhar e não poder”. O senhor em questão mantém um diálogo constante entre o desejo de trabalhar e as possibilidades reais colocadas no presente. O tempo distorcido requer do senhor J. um esforço de adaptação constante, gerando frustração e dificuldades em assumir uma identidade mais atual.

A velhice é também percebida na linha do tempo como o fim da vida, como ordem natural, aparentemente com certo desapego: “Ser velho é porque já se viveu muito” ou “É ficar velho e morrer”. Por outro lado, uma senhora de 100 anos percebe a realidade do tempo que passou reconhecendo um espaço de possibilidade quando comenta: “É ser velho e se sentir nova.”. Houve idosas que não se reconheceram nas palavras velhice ou idosa, achando-as desrespeitosas e limitadoras. “Não me sinto idosa, sou feliz e contente.”. Outras percepções mencionadas apontam para os esforços de superação de limitações que definem uma identidade reconstruída: “É ser um garoto assim como eu”, “ Ser velha é ser vitoriosa”, “Sou idosa mas me ajeito, me retoca, fico de pé”.

As relações são mencionadas como condição para se viver bem: “Aqui sou bem tratada, todos gostam de mim”. Outro comenta: “Gosto muito daqui, aqui todos gostam de mim, já sofri muito para criar meus filhos e hoje eles não cuidam bem de mim, mas não vou morrer por isso”. Outro: “Para mim ser idoso é viver bem com todos e não ter preocupação”, “Sou idosa mas tenho prazer”. As diferentes percepções referentes à capacidade de comunicação e afetividade demonstram a importância do afeto para afirmar uma autoestima capaz de fortalecer a capacidade de adaptação do idoso.

Reunião temática – O Estatuto do idoso: Em 4 reuniões trabalhamos o estatuto do idoso refletindo sobre os significados dos direitos visando nos preparar para uma caminhada que tinha como objetivo chamar a atenção da sociedade sobre a situação dos idosos no Estado.

Ao introduzir a discussão sobre os direitos, idosos reagiram ao alegar que os direitos colocados eram, de fato, direitos de todos, como se uma lei exclusiva para o idoso exprimisse certo preconceito por tratar os idosos de forma diferenciada. Uma senhora explicou que os idosos precisavam de uma lei, justificando que quando um idoso ficava dependente ele precisava de um olhar especial, pois o mesmo cuidado que se tem com a criança, também se precisava ter com o idoso. Novamente idosos reagiram alegando que havia diferença entre idoso e criança, pois segundo o senhor C: “O idoso muitas vezes, mesmo se tem limitações, tem como falar, dar opinião, discordar e dizer o que quer e gosta”. Interessante ver como o espaço de comunicação e discussão permitiu que se construísse e se esclarecesse uma identidade diferenciada negando a associação da velhice com impossibilidade e fragilidade atribuída à criança, descortinando a afirmação da cidadania.

Abordando o direito à vida, idosos alegaram: “Hoje quem mais morre são os nossos jovens!” (Lembrando-se de netos ou bisnetos que já perderam a vida de forma violenta). Outra senhora comenta: “A vida quem dá é Deus e quem deve tirar é só ele!”. A morte, muito presente na vida dos idosos é vista como natural em contraste com a morte “antinatural” que atinge os jovens do bairro. Percebe-se uma inconformidade diante da realidade de violência e certa “acomodação” diante da própria finitude.

Comentando o direito à moradia digna, uma idosa relata: “Não tive mais como ficar na minha casa sozinha”. Refletimos que às vezes as nossas casas não permitem uma moradia digna, pois não atendem mais às novas necessidades que surgem com a perda de mobilidade e outras limitações. Alguns precisam de cuidados permanentes. F. comenta: “Essa é minha vida, aqui eu sou bem tratada e cuidada, mas faço a minha parte, as meninas ajudam somente no que faço com dificuldades”. Observa-se a afirmação de uma afetividade que acrescenta segurança e reciprocidade capaz de fortalecer a autoestima.

Percebeu-se, por parte dos idosos, um reconhecimento de limitações que pode engessar possibilidades ou permitir superação. Alguns relatam: “Meu desgosto é ter perdido a visão”, “É difícil ficar nas mãos dos outros”.

A palavra respeito foi muito evocada como direito de todos e foi eleita como a palavra chave para relações humanas positivas: “Gostamos de respeitar e ser respeitados em nossas crenças, desejos, sentimentos e limitações”.

Ao ampliar a reflexão nos referindo aos idosos que apresentam limitações profundas tanto cognitivas como motoras, a discussão abordou o como fazer para respeitar o idoso que não dialoga mais. O senhor J. e a senhora C. colocaram a importância do cuidado especial e do respeito incondicional ao idoso fragilizado. Nessas reações foi observada uma preocupação diante da possibilidade de passar a precisar de cuidados permanentes, querendo assegurar que a dignidade de cada um será mantida. A discussão revelou caminhos trilhados pelos idosos no enfrentamento da sua finitude humana.

Em relação às discussões sobre leis, estas permitiram que os idosos pudessem dialogar sobre as diferentes realidades compartilhando também as diferentes maneiras de enfrentar as dificuldades.

Reunião temática – A Páscoa: Duas reuniões permitiram refletir e aprofundar o sentido da morte e da vida na perspectiva de ressurreição. Debater essa temática teve como objetivo colocar em foco a experiência humana dos idosos nos diferentes momentos da vida, contrapondo dificuldades e superações sublimadas pela perspectiva de ressurreição. Ao final foi feita uma síntese da discussão, apresentada num folder e distribuída a todos que se fizeram presentes na festa da Páscoa promovida pelo Espaço Solidário.

Ao refletir sobre as experiências que geraram sofrimento ao longo da vida, muitos relataram as dificuldades atuais como a dependência e a doença. A percepção de espaços encolhidos por limitações e falta de perspectivas reduz a percepção da autonomia e aguça o sentimento de desamparo. A senhora V. comenta: “Tenho desgosto por estar doente. Quando tive chicungunha, me senti muito mal, senti muita falta da minha família”. Outro relata: “Antes resolvia tudo, agora sou dependente dos outros”. Dois idosos comentaram da dificuldade de se sentir impotente diante das coisas: “Não tenho mais domínio sobre minha vida”. A senhora F. relata: “A gente se sente mal quando se tem esperança de melhora e que não acontece”.

Dificuldades de relacionamento também são motivos de sensação de tristeza: “Me sinto triste quando dizem mentiras sobre mim”, “Quando não gostam de mim”, “Quando tenho aborrecimentos”. As perdas no passado também são colocadas como sensação de morte: vários idosos mencionaram a morte da mãe, de filhos ou parentes como momento marcante presente até hoje. A tristeza da perda é colocada como fora do tempo cronológico, faz parte da construção humana e são periodicamente lembradas.

Nos relatos relacionados aos aspectos positivos da vida dos idosos, vários comentaram o fato de morar e se sentirem amparados no ES. A instituição funciona na percepção de vários idosos como um espaço seguro capaz de abrir possibilidades. Segundo o senhor F. : “Estar aqui me deixa feliz, enquanto estiver vivo quero ficar aqui”. Uma senhora comenta se dirigindo à responsável da casa: “A senhora fica ao lado dos carentes, aqui a gente fica guardado”. Outros comentaram a importância dos afetos e da convivência: “O que me deixa feliz são as pessoas que me amam”. “Gosto de conversar, aqui não me sinto só”.

Abordando os aspectos positivos da experiência de vida, notamos que as mesmas dificuldades mencionadas nos aspectos negativos ganharam outros significados. As limitações são superadas parcialmente num esforço apontando para uma afirmação da autonomia. A senhora F. comenta: “Ainda ando, faço minhas coisas”. Outra senhora traz: “Ainda tenho um pouco de saúde, tenho minha família que se importa comigo”, “Existo para eles”, “Estou satisfeita em ouvir a voz deles” (a senhora em questão tem deficiência visual).

Ao término das reuniões, os idosos comentaram a importância da reciprocidade, do amor e carinho como fundamental para se sentir bem. Dentro do contexto da Páscoa é o afeto compartilhado que dá sentido à vida, que dá força para “ressuscitar”. A presença de Deus percebida pelos idosos em todos os momentos de suas vidas foi mencionada como motivo de esperança e força na superação das dificuldades.

Reunião temática – Dia das mães: Preparando o dia das mães, tentamos dar novo significado à maternidade, visando resgatar e revisitar uma identidade feminina presente em muitas idosas mulheres do ES. Ao começar a reunião nos deparamos com a figura da mãe ideal: “Uma palavra sagrada, um tesouro”, “A mãe é amor é vida”, “É rosa que desabrocha”, “Ela cuida, vela, está ali junto com os seus filhos”. Incentivou-se a repensar na mãe real que tivemos e na mãe que fomos.

O comentário da senhora M. revelou sua capacidade de reinterpretar o papel que exerceu ao longo da vida numa interação entre passado e presente. Segundo ela: “Quando os filhos eram pequenos, reparava em todos, viviam todos em cima de mim, depois que ficaram grandão cada um procurou o seu caminho e saíram de casa, mas o sentimento não muda”.

Alguns falaram da perda e ausência de mães que se foram há muitos anos e fazem eco ao senhor P. quando comenta: “Ainda vive na minha mente”. A lembrança da mãe tem papel estruturante na percepção dos idosos. Quando ela fez falta por ter morrido cedo ou por não ter assumido o seu papel, os idosos se referem a uma infância sem rumo: “Não tenho lembranças, fui

criada solta, vivia pra lá e pra cá”. Alguns colocaram a importância de outras pessoas que assumiram o papel de mãe e foram referência em suas vidas.

Outras situações vividas são apreendidas com outro olhar, reinterpretando fatos, dando novos significados: “Perdi minha mãe muito cedo mas como era a mais velha, fui mãe para os meus irmãos ainda criança!”. “Me criei sem amor de mãe, ela não gostava de filha mulher, fui desprezada do amor de mãe, mas soube criar e amar os meus filhos, eles são tudo para mim.

Discutindo o papel das mães que fomos, duas idosas que tiveram filhos mas não os criaram comentam: “Quando estava buchuda mãe dizia: - Eles não têm culpa de ter vindo ao mundo. Foi mãe que criou minhas filhas”, “Não tive condições de criar meus filhos, dou amor de mãe agora, hoje meu filho me defende, disse que se fosse maltratada tomava providência”. A reinterpretação do passado permitiu a reconstrução do papel de mãe. Uma reconstrução que ocorreu após a reaproximação dos filhos, e que acrescentou, no caso da senhora mencionada acima, uma nova identidade.

Segundo T.: “Hoje me sinto mãe, avó, bisavó, todo dia peço a Deus o bem para meu filho, meus netos, meus bisnetos”. Percebe-se a afirmação de uma identidade que atravessou o tempo. A revisitação de uma identidade construída se manifesta no comentário da senhora A.: “Precisei trabalhar para sustentar meus filhos. Trabalhava, mas cuidava. Outras pessoas me substituíam, a gente compartilhava o cuidado”. Se afirmando assim como mãe responsável de que se orgulha hoje.

Conclusão

A dinâmica das discussões revelou um espaço de expressão de experiências pessoais e coletivas que contribuíram para que os idosos pudessem fazer uma releitura do seu lugar no mundo num ambiente seguro. As reuniões sistemáticas desenvolvidas pela instituição há vários anos viabilizaram um espaço de comunicação dinâmica onde o idoso já se expressa com confiança. As experiências compartilhadas e repensadas permitem uma nova leitura reformulando a própria identidade, resgatando as capacidades de adaptação dos idosos diante das adversidades.

As deficiências reconhecidas como limitadoras pela grande maioria dos idosos tendem a restringir sua percepção do mundo, tornando os espaços ameaçadores. As reflexões construídas coletivamente acentuam os aspectos ligados às capacidades de adaptação e de resiliência dos idosos, proporcionando maior confiança e segurança diante das próprias capacidades futuras em lidar com novos desafios. A própria expressão da insatisfação constitui uma dimensão comunicativa importante no processo de autonomia, permitindo além das reelaborações, o compartilhamento e

acolhimento que reforçam os laços afetivos e permitem a compreensão dos pontos de vista dos idosos e reconstrução contínua das relações e possibilidades de ação coletivas.

As experiências humanas compartilhadas e discutidas em diálogo com o passado e o presente possibilitaram aos idosos nortearem-se, colocando-os em contato com sua própria trajetória de vida, dando maior significado ao presente.

A afetividade perpassou todas as dimensões (tempo, espaço e comunicação), revelando ser o cimento capaz de ampliar o potencial de autonomia dos idosos. O afeto traz a confiança necessária para que o idoso possa enxergar, dentro de suas limitações, as possibilidades de superação e resiliência, assim como traz a confiança e a motivação para participar dos momentos de troca.

Mesmo reconhecendo o alcance das reuniões no fortalecimento do sentimento de autonomia do idoso, sabemos das fragilidades e instabilidades constantes vividas no cotidiano do Espaço Solidário. Diante disto, não pretendemos resolver problemas, mas construir coletivamente pistas para um novo olhar sobre a velhice, criando espaços de possibilidade, afirmação da autonomia e auxílio no processo de resiliência que ela implica.

Referências Bibliográficas

AGICH, G. J. *Dependência e autonomia na velhice: um modelo ético para o cuidado de longo prazo*. São Paulo: Loyola; Centro Universitário São Camilo, 2008. 368p.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INFANTE, Francisca. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: Melillo, A.; Ojeda E. N. S. (Orgs.) *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*, São Paulo: Artmed, 2005, p. 22-38.

MONTEIRO, P. P. Somos velhos porque o tempo não pára. In: Côrte, M. et al. (Orgs.) *Velhice, envelhecimento, complex(idade)*, São Paulo: Vetor, 2005, cap. 3, p. 57-83.

NERI, A. L. *Palavras chaves em Gerontologia*. Campinas: Editora Alínea, 2005.

TARAMARCAZ, O. *Le savoir silencieux des générations*. Sion: INAG – IUKB, 2005.

THIEBAUD, D. *Accompagner le vieillissement*. Lyon: Chronique sociale, 2008.

VILLENEUVE, M. Écriture autobiographique et création de soi. *Revue Québécoise de Gestalt*, Montréal, vol. 2, n.2, 80-97, 1998.